

A Barbárie também está na *Web*: uma Reflexão sobre a Violência no *YouTube* à luz da *Dialética do Esclarecimento*¹

Vanessa CAVALCANTI²

João MELO NETO³

Universidade Católica de Pernambuco, Pernambuco, PE.

Resumo

O presente artigo objetiva pensar filosoficamente sobre os vídeos de violência postados na *Web* a partir das reflexões propostas por Adorno e Horkheimer em a *Dialética do Esclarecimento*. Para tanto, observamos o canal do *YouTube*, *Go tropa*, que é voltado ao compartilhamento de vídeos com teor violento. Pensando, dessa forma, no suposto caráter destrutivo e obscuro dessa ferramenta arquitetada pela razão humana, a Internet.

Palavras-Chave: internet; youTube; vídeos de violência; dialética do esclarecimento.

Introdução

Assistir a vídeos postados na web se tornou uma rotina entre os usuários da Internet. Seja na rua através de dispositivos móveis ou em casa no notebook tem sempre alguém visualizando um vídeo por aí. E um dos grandes responsáveis pela popularização do consumo desse tipo de mídia na web foi o *YouTube*, o mais famoso site de compartilhamento de vídeos da Internet. Nele o usuário pode agir tanto como um colaborador, postando o conteúdo que deseja, quanto como espectador. E é nesse jogo dinâmico e colaborativo, que autônomos, amadores, famosos, instituições e empresas dos mais diferentes perfis e objetivos, movimentam e dão vida ao site.

Com essa dinâmica de funcionamento é possível encontrar no *YouTube* uma diversidade enorme de conteúdos. Clipes musicais, aulas, palestras, filmes, vídeos de pessoas comuns falando sobre variados assuntos ou que filmaram qualquer coisa que lhes vieram à mente. Enfim, de tudo é postado ou visto. Nesse sentido, sem dúvidas, no *YouTube* há a oportunidade de inserir e ter acesso a conteúdos banais que visam apenas o

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos interdisciplinares da comunicação do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Estudante de graduação do 6º período do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, email: vanecristina01@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor da UNICAP. Doutor em Filosofia, e-mail: joaonetofilosofia@gmail.com.

entretenimento, assim como, materiais que possibilitam enriquecimento intelectual e que aguçam de alguma forma a reflexão dos indivíduos, mas também, conteúdos de teor altamente violento, como linchamentos, assassinatos e brigas.

O compartilhamento desse tipo de material que possui um viés violento demonstra uma faceta obscura do complexo e vasto universo que é a Internet. Agora, a violência pode ser consumida e propagada com uma facilidade nunca antes vista. Mostrando mais uma vez que uma ferramenta produzida pela razão humana, pode, também, ser usada com objetivos que nem sempre visam melhorias a humanidade.

Diante disso, nos parece relevante trazer à tona as reflexões suscitadas por Adorno e Horkheimer, em *a Dialética do esclarecimento*. Nessa obra os autores se propõem entender a seguinte questão: "por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie."? (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p.11). Ora, diferentemente do que os iluministas tinham em mente o desenvolvimento progressivo da razão esclarecida não trouxe obrigatoriamente melhorias nas condições sociais, morais, políticas e materiais da humanidade. Nem necessariamente emancipou o homem, fazendo-o um sujeito autorreflexivo e senhor de si mesmo. Na ótica de Adorno e Horkheimer "a terra totalmente esclarecida resplandece sobre uma calamidade triunfal" (Ibid. p.17), pois, o que se via na sociedade contemporânea não era reais avanços para a humanidade, mas sim, a degradação e tutelação do homem.

De fato, é importante observar que esse questionamento, assim como, a obra em sua totalidade é atravessado pelo contexto histórico em que os autores estavam inseridos. Tanto Adorno, quanto Horkheimer estavam exilados nos E.U.A., por conta da ascensão do nazismo na Europa, e os textos da *Dialética* foram produzidos durante o desenrolar dos horrores do totalitarismo na Europa e da Segunda Guerra Mundial. Assim, embora a *Dialética* tenha sido influenciada pelo período em que foi gestada o pensamento proposto nela ainda nos parece atual, uma vez que o processo destacado pelos autores ainda estaria em curso. Pois a midiaticização e compartilhamento da violência, nesse caso, não seria um traço dessa "nova espécie de barbárie" e da própria degradação humana?

Além disso, essa não seria uma exigência da Teoria Crítica, abordagem teórica no qual os autores da *Dialética* eram vinculados? Pois, de acordo com a mesma "a reflexão teórica teria de estar em consonância com as transformações sociais dos diferentes momentos históricos." (MELO NETO, 2010). Assim, é necessário que se leve em conta o

fluxo temporal no proceder especulativo. Ou seja, que se revise a todo instante as reflexões e conteúdos temáticos. Dessa forma, pensar a internet e o uso que se faz dela a partir desse marco teórico estaria de acordo com o princípio metodológico da Teoria Crítica, e, portanto, da própria Dialética.

Nesse sentido, iremos pensar filosoficamente sobre os vídeos de violência física que são postados na web através do site *YouTube*, tomando como base as noções de *razão instrumental* e *indústria cultural* propostas na *Dialética do Esclarecimento*.

Para isso, nos debruçamos sobre um canal em específico do *YouTube*, o *Go Tropa*. Ele se mostrou relevante para a nossa pesquisa por ser um canal com mais de 100 mil inscritos e por justamente está voltado ao compartilhamento da violência.

O *Go Tropa* se assemelha, em certa medida, aos programas policiais da televisão brasileira, pois apesar de não apresentar a mesma estrutura e formato, entendemos que eles parecem ter em comum objetivos que se aproximam. Uma vez que este canal tem como foco a disseminação da violência envolvendo policiais e bandidos e a promoção de ideias contrárias aos direitos humanos. Além de fomentar o ódio contra bandidos, e exaltar a ação policial a todo custo.

Dessa forma, o que nos propomos aqui não é fazer julgamentos ou juízo de valores a cerca dos fatos expostos nos vídeos, mas sim, pensar sobre esse instrumento produzido pela razão humana, a Internet, e o uso que os homens fazem dela. Refletindo assim, sobre o seu suposto caráter destrutivo e obscuro.

Com isso, elaboramos os seguintes questionamentos: será que a Internet se configura como mais um elemento desse lado obscuro da razão, ou cumpriria o projeto iluminista do caminhar progressivo da humanidade? A Internet serviria como ferramenta de estímulo e publicização da violência? Ou até mesmo, estimularia a execução da própria violência?

A Dialética do Esclarecimento

No contexto da *Dialética do Esclarecimento*, o termo *esclarecimento* "é usado para designar o processo de 'desencantamento do mundo', pelo qual as pessoas se libertam do medo de uma natureza desconhecida, a qual atribuem poderes ocultos para explicar seu desamparo em face dela." (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, pag. 8). Assim, nesse caso, a palavra *esclarecimento* ganha um sentido mais amplo, não estando restrita a um

movimento filosófico ou período histórico determinado, sendo o processo pelo qual, ao longo da história, os homens se libertam das potências míticas da natureza (e de toda forma de tutela). Em outros termos, é o processo de racionalização que prossegue na filosofia e na ciência.

Porém, no entender de Adorno e Horkheimer esse processo teria origem no próprio mito, já que o homem na tentativa de interferir, e portanto, dominar a natureza, acreditava intervir nela, mesmo que de forma ilusória. "(...) a intenção de dominar a natureza, mesmo que - justificadamente – com o objetivo de se proteger de seus caprichos, preexistiu em muito à posse dos meios eficazes para concretizar a dominação." (DUARTE, 2004, p.29). Nesse sentido, o mito já seria produto do esclarecimento, pois o desejo de domar as forças da natureza para a conservação do *eu* encontraria vínculo no mito.

Para os autores da *Dialética* esse desejo seria um impulso presente desde os primórdios da civilização ocidental, tanto que estes encontram em passagens da obra mitológica, *Odisseia*, episódios que reforçariam tal tese. Como no episódio XII, em que Ulisses (ou Odisseu) ao fazer sua jornada de volta a Ítaca, se depara com o sedutor canto das sereias. Tal canto, por sua beleza, faria os homens se jogarem ao mar. Ulisses na tentativa de se safar da morte e ao mesmo tempo escutar o canto tem a ideia de vedar os ouvidos dos marinheiros e ficar amarrado ao mastro. Todos terminam passando pelo canto sem se jogar ao mar, mas Ulisses é o único que escuta as sereias. Assim, de forma ardilosa, Ulisses controla a natureza (tanto a interna, quanto externa), na tentativa de conservar seu *eu*.

No entanto, da mesma forma que o mito já leva a cabo o esclarecimento, o próprio esclarecimento estaria recaindo no mito. E isso se daria pelo fato de que o esclarecimento ao pragmatizar o pensamento em demasia, abandona seu caráter autoreflexivo, esquecendo-se de empreender uma autocrítica. Dessa maneira, termina não acolhendo dentro de si a reflexão sobre o elemento regressivo que resulta em sua autodestruição. Perdendo assim, sua natureza superadora, e, portanto, a relação com a verdade. “Sem a menor consideração consigo mesmo, o esclarecimento eliminou com seu cautério o último resto de sua própria autoconsciência. Só o pensamento que se faz violência a si mesmo é suficiente duro para destruir os mitos”. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p.18)

O fruto desse pensamento altamente pragmatizado, ou seja, desse pensamento que esquece de se pensar seria uma visão de mundo que presa sobretudo pela dominação do homem sobre a natureza, através da ciência e da técnica. Nesse caso, o que importa, não é

o prazer proporcionado pelo discernimento, mas aprender como utilizar a natureza, para domar completamente ela e os homens. Dessa forma, a razão esclarecida se instrumentaliza, agindo a serviço de uma precisão metodológica, de um procedimento eficaz que intensificaria o controle.

Esse desejo de controle que já estaria presente no mito, encontra, dessa forma, sua exacerbação na modernidade com o projeto Iluminista, sendo o Iluminismo "uma derivação de uma tendência primitiva de nossa cultura" (MELO NETO, 2010).

Ao reduzir a natureza a mero objeto e o mundo a um campo de exploração sistemático e óbvio, a razão que não acolhe o caráter autoreflexivo, se torna unilateral, e, portanto, leva ao fracasso a própria razão, pois extirpa seu viés contraditório, dialético.

Nesse sentido, para Adorno e Horkheimer a razão instrumental que presa sobretudo o controle, estaria na sociedade ocidental a serviço das classes dominantes. Assim, todo conhecimento produzido por ela seria no intuito de reforçar e manter o poder dessas classes.

É aí, que os pensadores da *Dialética*, enxergam na contemporaneidade a Indústria Cultural como um sustentáculo ideológico do *status quo*. Isto é, essa Indústria pensada pela razão instrumental agiria no sentido de manter o poder das classes dominantes. Sendo ela, mais um momento do desdobrar dessa razão.

Assim, à "primeira vista, Indústria Cultural é o conjunto das instituições sociais vinculadas à produção e distribuição de bens simbólicos." (MARTINO, 2009, p. 49). No entanto, por trás dessa aparente normalidade estaria um poderoso sistema de resignação e coesão social, que através dos seus produtos submetidos a fórmulas e padrões hierarquizantes alienaria o homem da sua própria realidade.

Ao impor que esses produtos se enquadrassem em determinados padrões pré-estabelecidos, a Indústria Cultural eliminaria a inovação e a espontaneidade, retirando a possibilidade da manifestação do eu tanto daqueles que produzem os conteúdos, quanto dos que usufruem desse conteúdo.

Enxergando os indivíduos como meros receptores, essa indústria limitaria a ação dos indivíduos. "Democrático, o rádio transforma-os a todos igualmente em ouvintes, para entregá-los autoritariamente aos programas, iguais uns aos outros, das diferentes estações. Não se desenvolveu qualquer dispositivo de réplica e as emissões privadas são submetidas ao controle. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p.100)

Agindo de forma impositiva e restringindo o espaço para intervenções externas, essa Indústria orientaria a produção de seus materiais a partir do princípio da diversão. "A

diversão é o prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio. Ela é procurada por quem quer escapar ao processo do trabalho mecanizado, para se pôr de novo em condições de enfrentá-lo" (Ibid. p.113)

Como um apêndice do sistema os bens simbólicos produzidos pela Indústria Cultural agiriam no sentido de distrair o sujeito para que este suportasse o modelo de trabalho em que estava inserido. Sendo isso, uma espécie de compensação que evitaria que os indivíduos transgredissem a ordem dominante.

A Internet e os vídeos de violência do YouTube

A Indústria Cultural problematizada por Adorno e Horkheimer na década de 40, sem dúvidas, não é a mesma dos tempos atuais. Hoje não temos apenas o rádio, o cinema, as revistas ou a televisão (que estava começando a surgir na época dos autores). Um novo elemento emerge nesse contexto causando transformações (ainda em curso) na Indústria Cultural tradicional, e impulsionando diferentes arranjos e configurações. Ainda que este guarde alguns aspectos suscitados pelos autores da *Dialética*.

O elemento mencionado é a Internet, que inegavelmente já faz parte da vida social, cultural e política de milhões de pessoas no mundo, conquistando novos usuários a cada ano que passa.

O fato é que a Internet abre um mundo de possibilidades para seus usuários. Os indivíduos que antes ficavam limitados a um sistema praticamente de mão única, onde agiam muito mais como receptores praticamente passivos dos conteúdos pré-moldados pela Indústria Cultural tradicional, ganham com a Internet a oportunidade de se manifestar e criar seus próprios roteiros de consumo das informações. Agora as pessoas comentam, conversam, interferem e dão vida a seus próprios conteúdos na rede. E isso, de certa maneira, devolveria o papel de sujeito aos indivíduos.

Dessa forma, os centros de produção se ampliam. Um músico, por exemplo, não precisa mais necessariamente do intermediário de uma grande gravadora para lançar suas músicas, pois com a Internet ele pode distribuir e dar visibilidade ao trabalho realizado. Produzindo seus conteúdos sem ter que obrigatoriamente atender aos requisitos estéticos e temáticos do modelo tradicional de mercado.

Por um lado, esse campo trouxe, de fato, aspectos emancipatórios para a sociedade, criando novas canais de comunicação, viabilizando vozes e pautas que antes não ganhavam

espaço dentro da Indústria Cultural tradicional. Mas, por outro lado, também observamos na Internet pontos obscuros tanto no que diz respeito às questões relativas a vigilância e controle, quanto nos assuntos referentes aos conteúdos compartilhados na rede.

A verdade é que na *Web* com esse turbilhão de pessoas interagindo e se manifestando, acabamos sendo expostos a todo tipo de informação. E isso, fica muito claro, quando encontramos em sites como o *YouTube*, canais voltados exclusivamente a propagação da violência.

Um exemplo disso, é o *Go Tropa*, canal do *YouTube* criado em 25 de março de 2015, que surgiu como uma ramificação de um site de mesmo nome. A ênfase do site, assim como do canal é a de compartilhamento de conteúdos que possuem um viés violento.

Atualmente o *Go Tropa* já apresenta cerca de 185 vídeos. Normalmente as imagens apresentadas ou são de câmeras de segurança ou de câmeras de celulares. Todos eles contêm uma vinheta de abertura (em que aparece a logo do canal), título e descrição dos fatos. Mostrando, assim, que o canal possui certa organização e coesão.

Os vídeos claramente têm forte penetração nos usuários, tanto que o canal tem mais de 100 mil inscritos, e os cliques contêm números de visualizações que vão de 10 mil a 500 mil, podendo as vezes até chegar mais. E geram grandes interações, pois todos os vídeos apresentam muitos comentários, e curtidas.

Pelo que deu para observar a ideia do *Go Tropa* é a de disseminar vídeos em que bandidos sofrem algum tipo de retaliação tanto por parte das vítimas, quanto da polícia. Ficando claro, que há predisposição por parte do canal em mostrar momentos em que bandidos terminam mortos ou sendo agredidos. Assim, como há também um pesar e revolta quando policiais e vítimas se machucam. Mas de todo modo, ambos são expostos e se tornam personagem dentro da violência.

Nesse clima de justicamento e ódio somos expostos a assassinatos, linchamentos, lutas corporais. O horror está na *Web*. E tudo é postado/consumindo com ares de normalidade, sem muito estranhamento. Levando-nos a crer que existe a aprovação e o prazer em assistir e disseminar tais agressões. Pois é perceptível que muitos dos que sofrem a violência física nos vídeos terminam tendo sua humanidade destituída tanto pelo canal, quanto pelos usuários. Já que no entender deles estes merecem ser tratados da forma como os vídeos os mostram.

Dessa forma, o que percebemos ali é a violência pela violência. Não a contextualização. Mas apenas a apropriação dos atos violentos no sentido de atender a um

sentimento bárbaro que existe dentro de nós, a uma pulsão primitiva tão habilmente manipulada pela Indústria Cultural tradicional.

Nesse sentido, a violência se configura como banalidade, e ao ganhar tal posto perde o caráter repulsivo, o viés de indignação, e termina se tornando algo a ser consumido, algo positivo de ser visto e “vendido”.

Ao romper com a fronteira da indignação diante do horror, o *Go Tropa*, parece transformar a violência real em entretenimento. Tanto que é comum vermos comentários de usuários que claramente se divertem com as situações mostradas, expressando risos e fazendo brincadeiras em meio a violência. Sem contar que alguns títulos dos vídeos apresentam certo tom de chacota e humor.

Dessa maneira, entendemos que a Internet, esse instrumento arquitetado pela razão humana estaria atendendo em parte ao que os Iluministas tinham em mente. Pois a *Web* de certa maneira democratizou o conhecimento, mas também, criou um campo propício para a disseminação da violência.

A verdade é que com o advento da Internet havia uma percepção muito otimista acerca das suas potencialidades emancipatórias. Sendo esta, enxergada apenas como esse lugar democrático, de compartilhamento, de interação. Porém, essa visão unilateral, que também estava presente no Iluminismo do séc. XVIII acabou por ofuscar o lado destrutivo que existe nela.

Assim, o uso de ferramentas como a Internet, sem que haja uma constante reflexão da mesma, gera aberrações como as que vemos no *YouTube*, com a publicização da violência de forma gratuita.

Esse tipo de ação dentro da Internet termina por se tornar preocupante, pois a *Web* é um território massivo, e que dá acesso e visibilidade as coisas de uma forma nunca antes vista. E a exposição intensa a conteúdos violentos pode fomentar atitudes agressivas, e acabar se tornando uma referência para muitas pessoas, sendo um risco para a humanidade.

A violência é uma linha muito tênue e se não estranharmos o fato de estarmos assistindo vídeos reais de pessoas (independente de quem elas sejam) sofrendo violência, acabamos naturalizando tal ato. E aí, sim, no lugar de uma civilização esclarecida chegamos a barbárie. Arrancamos nosso véu de humanidade, e nos entregando a brutalidade.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: 1985.
- DUARTE, Rodrigo. *Adorno/ Horkheimer & a Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- HORKHEIMER, Max. *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*. In. Escola de Frankfurt, Coleção: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- NEGROPONTE, Nicholas. *A Vida digital*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- MATOS, Olgária C. F. *A Escola de Frankfurt*. São Paulo: Moderna, 2005.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. *Teoria da comunicação: ideia, conceitos e métodos*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- MELO NETO, João. *A dialética do virtual*. In. Filosofia Ciência e Vida. nº 44. São Paulo: Escala, 2010.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *As razões do iluminismo*. São Paulo: Companhia das letras, 1987.
- BURGEES, Jean; GREEN, Joshua. *YouTube e a Revolução digital: Como o maior fenômeno da cultura participativa está transformando a mídia e a sociedade*. São Paulo: Aleph, 2009.
- KEEN, Andrew. *O culto do amador: como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- SALLES, Fernandes; SACRAMENTO, Igor. *O espetáculo da violência: uma análise sobre a exibição de vídeos de linchamentos na internet*. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/2014/resumos/R9-1818-2.pdf>. Data de acesso: 10 de março de 2015.